

# Pesos e contrapesos no tempo presente: a vitalidade da filosofia política em contraposição ao eclipse político

Cláudio César de Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** A reflexão contemporânea da novíssima filosofia política e sua relação intrínseca com a política do tempo presente é objeto pontual nas linhas que se seguem e tem como finalidade maior a exposição e reflexão acerca das principais idéias de autores consagrados como Castoriadis, Agamben, Rancière, Vattimo, Habermas e Bauman, dentre outros. A constatação de um diagnóstico sombrio e pouco alegre para a atualidade nos permite compreender o atual estágio de mal-estar mundial quanto à possibilidade da política enquanto essência do mundo vivido, artefato das ciências humanas. Evidenciando um cenário não-convencional, a presente pesquisa traz problematizações de trabalhos inéditos, reflexivos e esclarecedores, próprios do novo estatuto da filosofia política contemporânea, carregada de uma pureza de raciocínio jamais vista em outros tempos. Com uma problematização clara, o presente artigo quer, de forma lúcida, avaliar as raízes do divórcio e a iminente apartação total entre poder e política, decifrando ainda mais este sentimento de impotência, infantilização e paralisação da sociedade mundial em relação à política formal e institucional, hoje objeto e acessório da política hegemônica do capitalismo contemporâneo. Com abordagens da teoria crítica contemporânea através de recortes

<sup>1</sup> Professor da UNICENTRO. Doutor em História. Email: mestreclaudio@uol.com.br

# RESUMO

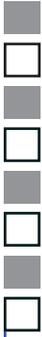
de uma apurada revisão de literatura, podemos afirmar o trágico e a unicidade do momento, na medida em que este momento de reflexão apurada da filosofia política tem coincidido com o esvaziamento da política convencional e com um estado de crise e oscilações que visualizamos na sobreposição do poder hegemônico e sistêmico sobre elementos do mundo vivido e cultural. Assim, a responsabilidade em diagnosticar o presente e o momento histórico em que vivemos nos permitirá enfrentar novos problemas e então descobrir as condições para a solução daquilo que chamamos de crise da pós-modernidade na política convencional. A partir daí é possível ter determinação política para resolvê-los. Tendo a finalidade de suprimir o hiato de poder e política e suas impropriedades, os arautos deste novo pensar da filosofia política não medem esforços para a defesa da essência da política e a supressão de uma pseudopolítica. É desta forma que visualizamos a possibilidade de uma política nova, a partir do advento desta nova incursão da filosofia política, hipoteticamente, quebrar o círculo da consensualidade impositiva e, possivelmente, reconduzir a humanidade denegada, mesmo que para muitos interlocutores isto seja pouco predizível ou realizável.

**Palavras-chave:** Filosofia Política. Hegemonia. Política. Poder e crise.

# ABSTRACT

The reflection of the newest contemporary political philosophy and its intrinsic relationship with the policy of the present time is punctual object in the lines that follow and aims higher exposure and reflection about the main ideas of renowned authors like Castoriadis, Agamben, Rancière, Vattimo, Bauman, and Habermas, among others. The finding of a grim diagnosis and cheerful little for today allows us to understand the current state of malaise about the possibility of world politics as the essence of the lived world, artifact of the humanities. Showing an unconventional scenario, this research brings problematizations of unpublished works, reflective and insightful, own the new status of contemporary political philosophy, loaded with a purity of reasoning never seen at other times. With a clear problematization, this article wants, so lucid, evaluate the roots of divorce and the impending apartheid between full power and politics, deciphering further this feeling of helplessness, childish and stoppage of world society in relation to formal policy and institutional, today accessory and object of the hegemonic policies of contemporary capitalism. Approaches of contemporary critical theory through a refined clippings literature review, we affirm the tragic and the uniqueness of the moment, to the extent that this moment of accurate reflection of the political philosophy has coincided with the depletion of conventional politics and a state of crisis and swings it visualize the overlap of the hegemonic power and systemic elements of the lived world and cultural. Thus, the responsibility for diagnosing the present and the historical moment in which we live will allow us to tackle new problems and then find conditions for the solution of what we call the crisis of postmodernity in conventional politics. From there it is possible to have the political will to solve them. Having the purpose of suppressing the gap of power and politics and their inadequacies, the heralds of this new thinking in political phi-

# ABSTRACT



losophy spare no effort to defend the essence of politics and the suppression of a pseudo-political. This is how we envision the possibility of a new policy, from the advent of this new incursion of political philosophy, hypothetically break the circle of consensual authoritative and possibly bring the humanity denied, even if it is for many interlocutors bit predictable or achievable.

**Keywords:** Political Philosophy. Hegemony. Politics. Power and crisis.



## INTRODUÇÃO

O tempo presente é considerado pouco alegre quando o assunto é a restauração da essência da política e quanto ao envolvimento de cidadãos no cerne da esfera pública.

O desencanto da atual sociedade globalizada em relação às esferas institucionais políticas estabelecidas senão compreendida e clarificada com rapidez pode se transformar em uma ordem caótica incontrolável e irreversível. Para aprofundar evidências sem violar o hábito acadêmico, utilizaremos categorias especiais da nova filosofia política com inserções às reflexões de Zygmunt Bauman, J. Rancière, J. Habermas e Giorgio Agamben, tendo como pano de fundo, entre outras questões, o conceito de ‘modernidade líquida’ do pensador polonês. Bauman define a modernidade líquida como um espaço em que a sociabilidade humana tem experimentado e vivenciado uma metamorfose que pode ser conceituada nos seguintes estágios: transformação do cidadão; indivíduos em busca de afirmação no espaço social; transição de estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e mera competição privada; enfraquecimento ou esvaziamento dos sistemas de proteção estatal e, principalmente, o objeto maior deste empreendimento – as raízes do divórcio e a iminente apartação total entre poder e política.

A oportunidade de descrever em linhas gerais algumas máximas que podem revelar sintomas de um grande mal-estar do pensamento político em relação ao pensamento econômico tem, além da pretensão de esmiuçar o corte de política e poder, a intencionalidade de imaginar possibilidades para um retorno da resistência eficaz e do encantamento da ação política. Poderemos aqui aumentar o entendimento ‘problematizado’ em projetos anterior-

res já pesquisados<sup>2</sup> como o ‘declínio do homem público’, ‘racionalidade e afetividade na vida pública’, ‘política e psicanálise em Castoriadis’, decifrando ainda mais este sentimento de impotência, infantilização e paralisação da sociedade mundial em relação à política formal e institucional, hoje objeto e acessório do pensamento hegemônico do capitalismo contemporâneo.

Bauman defende a tese de que, no momento presente, visualiza-se a ausência de tradução entre as esferas pública e privada. O contexto sócio econômico reinante na atual sociedade privatista conspira com a apatia política, recusando propostas de espaços públicos como a antiga ágora original, um espaço interessante que ligava ‘poder e política’ com maior referência. Sentimentos como ‘medo’, ‘instabilidade’ e ‘incerteza’, comuns na atual paisagem social, tem corroído possibilidades de um enfrentamento racional politizado e esclarecedor. A natureza destes problemas, mais incidentes neste século XXI, tem causado sérios obstáculos a ações coletivas, resultando no axioma de que as instituições políticas convencionais passam a ser vistas como instâncias de pouca validade. Exploraremos também em linhas posteriores a dimensão do atual conceito de liberdade individual em detrimento de projetos coletivos e auto-sustentáveis e a faceta negativa do processo de globalização, culminando com reflexões de autores como Agamben e Habermas que tentam promover uma sobrevida à atuação do cidadão comum e do intelectual nesta paisagem pouco alegre.

## 2 DESENVOLVIMENTO

A reflexão contemporânea da filosofia política e sua relação intrínseca com a política do tempo presente é uma proble-

---

<sup>2</sup> Nota explicativa: Trata-se de Projetos de Pesquisas isolados (PQIs) do autor – Claudio César de Andrade – em pesquisas realizadas em anos anteriores – leia-se 2004 – 2006 e 2008.

mática por si só emblemática. Dela, ao mesmo tempo em que se extrai um diagnóstico sombrio e pouco alegre para a atualidade, imagina-se a possibilidade da política enquanto essência do mundo vivido – artefato das ciências humanas. Paradoxalmente podemos dizer que o vertiginoso avanço da produção acadêmica em torno da filosofia política coincide com a letargia e o eclipse da política enquanto atividade humana. O atual cenário de extraterritorialidade mundial é propício para o reconhecimento de que a restauração de uma [a filosofia política], mesmo sem a intencionalidade deliberada é, em última instância o desaparecimento da outra [a política].

A arqueologia da filosofia política, agora visivelmente consolidada por um número significativo de trabalhos inéditos, reflexivos e esclarecedores, carrega uma racionalidade incomum.

Entravada durante muito tempo pelo marxismo que fazia da política a expressão ou a máscara de relações sociais, submetidas às usurpações do social das ciências sociais, ela estaria reencontrando hoje, na derrocada dos marxismos de Estado e no fim das utopias, sua pureza de reflexão sobre os princípios e as formas de uma política restituída à sua pureza pelo recuo do social e de suas ambigüidades.<sup>3</sup>

De fato, os desdobramentos políticos do último quarto do século XX, seja o colapso da ex-URSS, seja a derrocada do leste europeu ou até mesmo o advento de uma nova ordem internacional, foram ingredientes marcantes de um cenário diferente que contribuiu para uma reflexão com pouco ruído ou com menor embaraçamento de políticas contaminadas pelas velhas agendas da crítica do poder.

Têm-se claro então que esta nova configuração realística – reconstrução dos fundamentos gerais do campo do político – foi

---

<sup>3</sup> RANCIÈRE, J. *O descentendimento – política e filosofia*. Tradução Angela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996, p.09.

providencial para a restauração do objeto de estudo de uma nova filosofia política. É assim que “... a filosofia política vem afirmando com estardalhaço a sua volta e sua nova vitalidade”.<sup>4</sup>

É possível que alguns interlocutores ainda não avalizem aquilo que destacamos como o retorno da filosofia política, sugerindo ainda uma carência de evidências maiores. Autores como J. Habermas e Z. Bauman endossam o paradigma de uma era de transições e intermediações ou até mesmo uma situação revolucionária ou de crise da racionalidade.

Aquilo que estamos prefaciando como o retorno de um objeto mais cristalino, que é a reflexão purificada da política em si, permitiu à filosofia política um avanço e uma qualificação imprescindíveis para a entificação deste campo do conhecimento.

É preciso estabelecer aqui uma razoável distinção entre a política purificada e a política técnica, propriamente dita. Esta se situa na maximização da técnica, da gestão e do ato de administrar ou então focada tão somente em propostas realistas. Assim esta modalidade de política se aproxima da anti-política ou de uma política sem política, pois não possui em sua essência uma participação democrática.

Com mais ênfase, temos na política do cidadão uma expressão com muita política, pois prevê uma forte vinculação às possibilidades da ação politizadora.

Dir-se-á que justamente a política purificada reencontrou os lugares adequados à deliberação e à decisão sobre o bem comum, as assembleias onde se discute e se legisla, as esferas do Estado onde se tomam decisões, as jurisdições supremas que averiguam a conformidade das deliberações e das decisões às leis fundadoras da comunidade.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Ibidem, p.10.

O trágico é que este momento de reflexão apurada da filosofia política tem coincidido com o esvaziamento da política convencional e com um estado de crise e oscilações que visualizamos na sobreposição do poder hegemônico e sistêmico sobre elementos do mundo vivido e cultural, fruto de um grande interregno e de um estado mórbido de crise.

É possível constatar que as atuais instituições políticas – ineficazes e inoperantes – transformaram-se em instrumentos de manutenção de uma ordem mundial imperiosa.

“Num mundo que se globaliza rapidamente, em que grande parte do poder – a parte mais importante – foi retirada da política, essas instituições não podem fazer muito para fornecer segurança ou garantias”.<sup>6</sup>

As incertezas do atual modelo político e econômico são marcadas por disparidades institucionais. A avalanche mercadológica e o atrofiamento de instâncias políticas mundiais vêm assegurando a primazia e a onipresença na agenda de opções por parte das forças de mercado, hoje dispersas e incontroláveis.

A possibilidade de compreensão do tempo presente e o entendimento da constituição de mudanças paradigmáticas visíveis, sem a submissão a ideias estruturais, fazem de Z. Bauman um intelectual que busca destruir evidências consensuais e indicar brechas e possibilidades.

Segundo Bauman, “... o verdadeiro poder ficará a distância segura da política e a política permanecerá impotente para fazer o que se espera da política...”.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> BAUMAN, Z. *Em busca da política*. Tradução Marcos Prenchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p.13.

<sup>7</sup> *Ibidem*. p.14.

Percebe-se, visivelmente, que o estado de abandono das atuais instituições políticas tem favorecido o iminente divórcio entre poder e política.

Evidente que ainda existe uma agenda mundial, mesmo que complexa, mas diferentemente de períodos anteriores, os atuais veredictos são rubricados por um novo agente operacional – este não político, mas deliberadamente sacralizado pelas pressões do mercado. Seguramente, a monetarização do capital tem exercido um fetiche e uma acentuada dominação sobre a legislação política. Apropriando-se do vocabulário habermasiano, denominamos tal empreendimento como colonização ou anexação do direito através de uma burocratização extraterritorial.

A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Uma tendência marcante do nosso tempo é a crescente separação entre poder e política: o verdadeiro poder, capaz de determinar a extensão das opções práticas, flui e, graças à sua mobilidade cada vez menos restringida, tornou-se virtualmente global, ou melhor, extraterritorial. Todas as instituições políticas existentes (elegíveis, representativas) continuam até aqui teimosamente locais...<sup>8</sup>

O complicado processo de desgaste das instituições políticas, suas falhas e determinações, além de arranjos estruturais precários, têm contribuído para o estado de inércia e letargia do atual modelo de Estado no contexto mundial. Este raciocínio clarifica a sentença de J. Rancière que escreve:

A desgraça é que, nesses próprios lugares, se propaga a opinião desencantada de que há pouco a deliberar de que as decisões se impõem por si mesmas, sendo o trabalho próprio da política apenas o de adaptação pontual às exigências do mercado mundial e de uma distribuição equitativa dos lucros e dos custos dessa adaptação. A restauração

---

<sup>8</sup> Idem.

da filosofia política manifesta-se, assim, ao mesmo tempo em que o ausentar-se da política por parte de seus representantes autorizados.<sup>9</sup>

Os elementos externos e superiores à política estatal vêm ampliando consideravelmente seus meios de ação e intervenção. Gradativamente, as forças de dominação e exploração ficam posições e exercem maior controle sobre a agenda internacional. A tese do discurso único pode ser visualizada na atual crise financeira internacional onde não se vê nenhum contraponto racional em oposição à atual prática capitalista cosmopolita. Vêm-se apenas grupos minoritários reproduzindo ideias que já foram lançadas em períodos anteriores com efeitos questionáveis e parciais, mas nada que apresentasse perspectivas de um cenário diferente e projetos alternativos viáveis.

Retornando a discussão ao sentido nascente-originário, ou seja, o retorno da vivacidade da filosofia política, entendemos que o estatuto da filosofia política é mais abrangente do que podemos imaginar, pois mesmo que não tenha um território pontual, é antes de tudo o nome de um encontro.

Esta configuração singular da filosofia política prescinde da política. Como bem escreveu Renato Janine Ribeiro “... dificilmente ela nascerá de fora da política, ou pelo menos da atenção a ela”.<sup>10</sup>

Um das características desta fase da filosofia política é o seu interesse por uma visão mais pragmática, mais próxima da democracia. Entende-se que não é a filosofia que fecunda a democracia, mas, sem dúvida, é esta abertura democrática que possibilita à filosofia maiores chances de atuação e intervenção.

---

<sup>9</sup> RANCIÈRE, op. cit., p.09-10.

<sup>10</sup> RIBEIRO, R. J. *A sociedade contra o social*. O alto custo da vida pública no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p.10.

“Assim, se os conceitos, ideias e suspeitas que nascem da filosofia política têm alguma serventia, esta está em serem postos a funcionar.”<sup>11</sup>

Não há sentido ficar refém de textos enciclopédicos ou aprisionados a esquemas conceituais distantes do tempo presente. A responsabilidade em diagnosticar o presente e o momento histórico em que vivemos nos permitirá enfrentar novos problemas e então descobrir as condições para solucioná-los. A partir daí é possível ter determinação política para resolvê-los.

“A filosofia política precisa assim explicitar muito bem seu elo com o mundo da ação, com tudo o que este possui de frágil, duvidoso, efêmero”.<sup>12</sup>

A materialização desta paradoxal situação de continuidade e descontinuidade da relação nem sempre amistosa entre filosofia e política pode ser identificada em um confronto que escancara a possibilidade de devolver à política sua essência em um momento em que esta se encontra despossuída de um fundamento maior.

Desta forma, o estatuto da filosofia política ou da política dos filósofos evidencia a sobreposição da essência da política sobre a aparente e cambaleante democracia. Tendo a finalidade de suprimir o hiato de poder e política e suas impropriedades, os arautos deste novo pensar da filosofia política não medem esforços para a defesa da essência da política e a supressão de uma pseudopolítica.

É nesse sentido que a reflexão pertinente de Jacques Rancière, acerca da necessidade de haver um enfrentamento ou até mesmo um dissenso da política em relação à estrutura hegemônica, ganha relevância. “A política deixa de existir ali onde não tem mais lugar essa distância, esse confronto/desentendimento/conflito/dis-

---

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Ibidem, p.11.

senso, onde o todo da comunidade é reduzido sem resto à soma de suas partes.”<sup>13</sup>

A política, em sua especificidade está cada vez mais rarefeita. Distante da universalidade, ela é cada vez mais localizada e pontual e, portanto, às vezes, impotente. Sua transformação/reificação é bem perceptível e a julgar pelos trabalhos acadêmicos acerca de sua permanência, o período é carregado de um eclipse bastante verificável.

A possibilidade de uma política não convencional, a partir do advento desta nova incursão da filosofia política poderia – hipoteticamente - quebrar o círculo da consensualidade impositiva e ser um instrumento de concretização de uma política mais autônoma e eficiente, mesmo que para muitos interlocutores isto seja pouco predizível ou realizável.

Há uma constatação de que o poder ‘institucional’ se encontra desinstitucionalizado, perdendo gradativamente sua legitimidade, mesmo sem perder integralmente sua legalidade.

“As instituições perdem a legitimidade, aparecem novos modos de palavra, novos meios de fazer circular a informação, novas formas da economia, e assim por diante. É uma ruptura do universo sensível que cria uma miríade de possibilidades.”<sup>14</sup>

As forças de dominação e de exploração, próprias do capitalismo selvagem, e a fórmula do discurso único tiveram avanços consideráveis. Não podemos desconsiderar esta prerrogativa. Trata-se de uma constatação. As inúmeras expressões hegemônicas do capital mundial obtiveram maior eficiência na elaboração de estratégias para a sobreposição do poder em relação à política.

---

<sup>13</sup> RANCIÈRE, 1996, op. cit., p.123.

<sup>14</sup> RANCIÈRE, J. Entrevista – Revista Cult, n. 139 – nov. 2010.

Tem-se claro que a dimensão técnica da vida trama contra a política em si e produz mais tensão e fragilização do senso de comunidade. A redução visível da ação estatal e o declínio de empreendimentos públicos dissolvem a base do Estado Nacional deixando-os imersos em uma crise de identidade.

“(...) o poder e a política se afastam cada vez mais. O problema, e a enorme tarefa que provavelmente confrontará o século atual como seu desafio supremo, é unir novamente o poder e a política.”<sup>15</sup>

Na tentativa basilar de sobreviver às intempéries do poder extraterritorial, os interesses políticos, agigantados pelo poder, ocuparam-se da tarefa de promover reformas em situações mais vulneráveis de realidades sociais. Assim, ficou evidenciado que o poder estatal – mesmo em crise – abandonou a tarefa de conservar o equilíbrio das forças sociais razoáveis para poder exercer uma transformação mais agressiva. Invertendo a lógica normal de iniciar sua ação a partir de uma sociedade civil já estabelecida e com o aval desta, realizou, separadamente, o pleito de incluir aqueles que estavam alheios a toda e qualquer inclusão social.

Não se trata aqui de desconsiderar a ação governamental em incluir aqueles mais marginalizados, mas sim de registrar que ao usar a estratégia de distanciar-se da sociedade civil organizada, viu a política se separar ainda mais do poder hegemônico (próprio do capitalismo).

“Desimpedido, o poder flui para longe da política”.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.31.

<sup>16</sup> BAUMAN, 2000, op. cit., p.169.

Este deslocamento faz com que a política deixe de se identificar com o atual modelo de Estado e seja obrigada a flertar com o poder hegemônico do capital mundial.

Hoje não se vê nenhum mecanismo eficiente de ponto e contraponto em relação aos arranjos estruturais do capitalismo.

A questão hoje não é saber quem são os agentes da política, mas quem são aqueles capazes de reunir poder e política, agora divorciados, e restaurar a política como matéria conjunta 'do conselho e do povo', a única forma pela qual ela pode fornecer o elo de mão dupla entre a sociedade autônoma e seus cidadãos autônomos.<sup>17</sup>

Considerando que a sociedade não propõe problemas para cuja solução não existam condições e, ainda, que a psique dos sujeitos históricos ou a-históricos não são de natureza orgânica, mas antes criação de pensamentos, portanto significações sociais instituídas e, por último, que os homens possam romper esse fechamento, libertando-se deste recalque, há indícios de que intelectuais vanguardistas em franco diálogo com a psicanálise podem compreender tais diagnósticos para buscar o melhor medicamento em forma de projetos alternativos.

De forma propositiva, Bauman tece considerações aos lapsos e equívocos de nossos homens públicos contemporâneos. Dispara que "... com muita freqüência, os políticos se mostram satisfeitos e ávidos em condescender".<sup>18</sup> Para tanto projeta possibilidades alternativas que devolvam à política e à própria iniciativa privada o equilíbrio que jamais deveria ter sido rompido.

---

<sup>17</sup> BAUMAN, Z. *Bauman sobre Bauman*: diálogos com Keith Tester. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.170.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.106.

“A integridade do corpo político em sua forma atualmente mais comum de Estado-nação está em apuros, e assim é necessário procurar urgentemente uma legitimação alternativa”.<sup>19</sup>

Mesmo sabendo da inépcia de agentes políticos, a sociedade mundial não pode continuar neste letárgico, gradativo e viciado processo de degradação.

Na interlocução de Z. Bauman com os escritos de Castoriadis há o registro de um conceito essencial, no nosso entendimento, problematizado por autores da antiguidade clássica – o estatuto da ágora. Castoriadis resgata a pertinência e a imprescindibilidade da ágora e denuncia sua ausência no atual estágio da modernidade tardia, ao mesmo tempo que aponta sua restauração como única alternativa de recuperarmos a essência da política e seu diálogo com outras instâncias de poder. As palavras de Bauman encontram eco.

“Reviver a ágora, esse ato em essência político, parece-me o passo inicial de todas as formas possíveis de atingir esse fim”.<sup>20</sup>

Constata-se que a rememoração da ágora vem ao encontro da reflexão e do entendimento do precário espaço público democrático vigente nos dias atuais.

A ágora constituía para a Grécia antiga uma expressão de legitimidade da esfera pública, ou seja, uma saudável correlação entre o interesse público e privado, simultaneamente. Tratava-se de um espaço físico e plural onde o cidadão local poderia democraticamente defender interesses privados e usufruir de tais benefícios e, ao mesmo tempo, participar de discussões políticas acaloradas. Havia uma atmosfera equitativa que enaltecia a participação cidadã.

---

<sup>19</sup> BAUMAN, op. cit., 2007, p.21.

<sup>20</sup> BAUMAN, 2011 op. cit., p.152.

Buscando o sentido originário da ágora, Bauman entende que teria ocorrido um processo de reificação do conceito mencionado e que o desvirtuamento do mesmo em favor de uma prática unilateral em forma da iniciativa privada acabou anulando o fecundo diálogo que já existiu entre o interesse público e o interesse privado. Assim, o interesse deste autor é dar expressão a este espaço político no tempo presente, vislumbrando possibilidades para que público e o privado voltem a se encontrar e a se completar, aparecendo como um componente imprescindível para o fim do divórcio entre política e poder.

E o primeiro passo (...) que tem lugar a reorientação é reconstruir a ágora para adaptá-la a essa tarefa. Não será coisa fácil, considerando o perigoso estado atual da esfera público-privada, da qual 'o público' recuou para buscar abrigo em lugares politicamente inacessíveis e 'o privado' está a ponto de retirar-se para a própria auto-imagem. Para adaptar a ágora aos indivíduos livres e à sociedade livre, é preciso interromper ao mesmo tempo sua privatização e despolitização.<sup>21</sup>

Ao reconstituir o terreno perdido pelo distanciamento entre poder e política e reorientar a razão, hoje, mais instrumental que esclarecedora, reconduzindo-a a limites razoáveis, pode fornecer uma contribuição inestimável para assegurar a organização de uma esfera pública necessária.

Na tentativa de um claro diagnóstico do cidadão mundial no que tange às escolhas e opções aparentemente mais alargadas e com maiores potencialidades, deparamo-nos com um conceito de liberdade questionável e muitas vezes inverso de seu sentido primeiro. Assim constata-se que o sujeito contemporâneo está mais próximo de uma falácia de liberdade do que o conceito mais cristalino de liberdade. No momento em que arautos da pós-moderni-

---

<sup>21</sup> BAUMAN, 2000, op. cit., p.112-113.

dade anunciam uma liberdade quase transcendental e apresentam uma sociabilidade humana com traços de maior autonomia e maior liberdade, Bauman destaca que:

... a passagem para o estágio final da modernidade ou para a condição pós-moderna não produziu maior liberdade individual – não no sentido de maior influência na composição da agenda de opções ou de maior capacidade de negociar o código de escolha. Apenas transformou o indivíduo de cidadão político em consumidor de mercado.<sup>22</sup>

Nesse sentido, na ótica de Bauman, os indivíduos somente são livres, no rigor do conceito, quando podem instituir simultaneamente uma sociedade também livre ou ao menos uma entidade ou uma organização capaz de fazê-la.

Não são poucos os indicativos de que a liberdade neste estágio da modernidade líquida não é uma escolha, mas sim uma fatalidade. O engodo da liberdade individual em escolher de forma traiçoeira tem impedido a opção de escapar da individualização.

É assim que registramos o posicionamento crítico de Bauman sobre o discurso demagógico da liberdade individual em plena modernidade líquida. Seguramente a ficção da liberdade está na mesma proporção de tudo aquilo que é considerado como evidente e claro e está, de fato, longe de ser.

Verificamos uma dedicação pontual de Bauman em compreender os desdobramentos e implicações da intermediação - modernidade sólida para modernidade líquida – sobre as ações humanas. Identificando a sobreposição do mercado em relação à política, Bauman, categoricamente, expõe a maioria da política de vida (rarefeita) em relação a uma política coletiva. O conceito ‘política de vida’ nos remete ao raciocínio de que as pessoas, alheias à ques-

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.84.

tão pública e asseguradas pelo discurso da liberdade individual de uma sociedade mundializada, podem transformar suas vidas em instrumentos de uma privatização dantesca. Temos que para Bauman, a política de vida substitui a esfera pública, contando apenas com a autorrealização e seu estilo de vida, reconfigurando assim o conceito de identidade. A individualização transforma-se em corrosão e a lenta desintegração da cidadania, ou seja, a incapacidade da vida coletiva.

Convém aqui enfatizar o grande pressuposto de Z. Bauman no diagnóstico deste processo de mudanças e transformações. É conhecido o adjetivo utilizado pelo autor para evidenciar o estágio flutuante e vulnerável no qual vivemos – a expressão ‘líquido’. Segundo Bauman a transitoriedade do estágio sólido para o estágio líquido ocorre por meio de uma nova condição das organizações sociais na qual a estrutura – outrora estável – não consegue mais manter o padrão regular e fixo de outros tempos, seja em aspectos sociais, econômicos, políticos ou religiosos.

Sua natural decomposição tem deslocado o foco da estrutura – suposto fundamento das ciências humanas – para uma crescente e incontrolável abertura das diferenças, das aberturas, das corrosões e das desconstruções. Assim, expressões como fluxos, virtualidades, intensidades, imagens e simulacros têm marcado um novo paradigma, ainda não digerido completamente, de pós-modernidade, sendo para Bauman, interpretado por modernidade líquida.

“A sociedade é cada vez mais vista e tratada como uma rede em vez de uma estrutura”.<sup>23</sup>

O dismantelamento de estruturas governamentais com cada vez menos poder concreto, resultado da incapacidade em li-

---

<sup>23</sup> BAUMAN, 2007, *op. cit.*, p.09.

dar com pressões da lógica mercadológica, conseguem diminuir oportunidades coletivas e não encontram soluções individuais para problemas socialmente produzidos. Ora, parece razoável afirmar que em política é natural querer um certo bem geral, uma vez que existam as condições materiais e técnicas indispensáveis para a concretização desse bem.

Nossas agências públicas não possuem elementos adequados para o enfrentamento estrutural das crises e tempestades atuais. Quase sempre caminham entre tropeços e morosidades visando pleitos eleitorais futuros, sem estarem preparadas para a proposição de soluções racionais e viáveis.

Particularmente, um dos maiores problemas da América do Sul contemporânea é que, desde sua democratização política e liberalização econômica nas últimas décadas do século XX, seus governos nacionais vêm sendo eleitos por integrantes vindo das “ruas”.

Vários líderes de Estado, mesmo eleitos pelo processo democrático são forçados a agir em maior sintonia com a lógica mercadológica e com todas as exigências de reformas e ajustes a um mundo cada vez mais globalizado e interdependente que isso implica.

Este paradoxo tem o nome de estelionato eleitoral em que a expectativa dos eleitores em termos de políticas públicas é, senão frustrada pelos novos governos, ao menos adiada.

A imposição da ditadura do mercado e a interferência do Estado sobre nossas necessidades evidenciam uma lógica como se não houvesse lugar para uma cidadania distante da ideia do consumo pelo consumo.

... vivemos também uma época de privatização da utopia e dos modelos

do bem (com os modelos de ‘boa vida’ expulsos e eliminados do modelo de boa sociedade). Arte de reinventar os problemas pessoais sob a forma de questões de ordem pública tende a se definir de modo que torna excessivamente difícil de ‘agrupá-los’ e condensá-los numa força política.<sup>24</sup>

Constatar que há problemas que perturbam os instrumentos existentes de ação política e as razões de sua decrescente eficácia não é nenhuma novidade.

Já faz um bom tempo que o ‘público’ da esfera pública fora despojado de seus conteúdos coletivos e, por esta razão, tenha ficado sem agenda ou pauta. Os defensores da política neoliberal – aqueles que já atuaram e que ainda atuam – não escondem o discurso apologético de menosprezo às ações do mundo vivido e da sociedade civil organizada. Muitos simpatizantes desta corrente lembram com nostalgia as afirmações polêmicas de Peter Drucker e Margareth Thatcher, em outros tempos, acerca da inutilidade da sociedade. Bauman faz um pequeno recorte para mencioná-los:

“Na famosa definição de Peter Drucker, ‘a sociedade não [oferece] mais salvação’”. E na ainda mais famosa afirmação de Margaret Thatcher, que torna real o imaginário, ‘não existe essa coisa chamada sociedade’.<sup>25</sup>

A ideia de sinóptico representa a visão de um só lance de vista às diversas partes de um conjunto. A proeminência do sinóptico acerca do panóptico é bastante perceptível nos dias que vivemos. A tentativa de anular o sistema de construção coletiva, que em outros tempos permitia, de determinado local, avistar todo o interior do edifício, já não encontra eco.

Já foi dito que na nossa sociedade o Sinóptico vai gradual, mas incessantemente expulsando o Panóptico inicial como instru-

---

<sup>24</sup> BAUMAN, 2000, *op. cit.*, p.15.

<sup>25</sup> *Ibidem.* p. 75.

mento básico de ‘manutenção dos padrões’ e ‘administração de tensões’ ou, para ser simples, de preservação da ordem (...).<sup>26</sup>

Infelizmente, não se tem hoje a observação de todos sobre todos. Registra-se o desaparecimento do público ou sua invasão, conquista, ocupação e uma paulatina e inexorável colonização. O complexo sistema impõe sua lógica às outras esferas da sociedade, passando, desta forma, a administrá-las. Ocorre que outras esferas, até então preservadas, que constituíam a outra dimensão da sociedade, estão envoltas em uma marginalização irremediável.

A ausência do Estado nesse empreendimento reflete-se em crises de motivação. Os indivíduos, membros de uma sociedade, já não se sentem mais motivados a seguir as instruções e ordens advindas do sistema político, encontrando-se à mercê do imperativo do poder econômico.

“Tudo se resume à passagem do engajamento ao desengajamento, realizado ou contemplado como principal estratégia da luta de poder, dominação, aplicação de lei e ordem, e integração social (...)”.<sup>27</sup>

Em sua forma atual, a globalização é um processo parasitário e predatório que se alimenta da energia sugada dos corpos dos Estado-nações e de seus sujeitos. (...) As nações organizadas em Estados “perdem sua influência na direção geral das coisas e, no processo de globalização, sofrem o confisco dos meios de que precisariam para orientar seu destino e resistir às numerosas formas que o medo pode assumir”.<sup>28</sup>

A globalização exige dos mais diversos atores sociais uma disposição de resistência racional e de não adaptabilidade. O atual

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p.105-106.

<sup>27</sup> BAUMAN, 2011, *op. cit.*, p.105.

<sup>28</sup> BAUMAN, 2007, *op. cit.*, p.30.

estágio de mundialização da globalização tem colocado em suspensão formas do agir político emancipatório. As promessas globalizantes exprimem um claro estreitamento de espaços públicos às sociedades em práticas democráticas.

Num planeta negativamente globalizado, todos os principais problemas, os meta-problemas, que condicionam o enfrentamento de todos os outros, são globais e, sendo assim, não admitem soluções locais. Não há nem pode haver soluções locais para problemas originados e reforçados globalmente.<sup>29</sup>

Além de inibir a ação governamental, incita os atuais agentes públicos em cometimento de erros estratégicos crassos, onde estes ficam mais próximos da retórica e discursos estéreis. Ao retirar o sentido da política, os efeitos neoliberais privatizam e neutralizam diversos espaços públicos.

Alteradas no curso da globalização, as condições da economia mundial proibem hoje ao Estado nacional servir-se dos recursos oriundos da arrecadação de tributos, sem as quais ele não pode mais atender, na escala necessária, as costumeiras exigências da política social e, mais genericamente, a demanda de bens coletivos e serviços públicos.<sup>30</sup>

Dois processos contribuem para a crise da agência. “O primeiro é a globalização em aparência incontrolável que tira poder dos políticos, e a economia (a reprodução dos meios de subsistência) de controle político. O segundo é um processo complexo canhestramente chamado de ‘individualização’, que consiste em tornar ‘defasadas’, uma a uma, todas as redes de segurança socialmente construídas e atendidas numa época em que os indivíduos são chamados a se mover, cada qual por si mesmo, e a serem corajosos e audaciosos ao fazê-lo.”<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Ibidem, p.31.

<sup>30</sup> HABERMAS, J. *Folha de São Paulo*. Caderno mais. São Paulo, 13 de agosto de 2006, p. 04 e 05.

<sup>31</sup> BAUMAN, 2000, op. cit., p.169.

“Em outras palavras, a integração e reprodução da ‘ordem global’ toma mais uma vez o disfarce de um processo espontâneo e impellido por si mesmo”.<sup>32</sup>

Buscando estabelecer uma analogia entre o pensamento de Z. Bauman com as reflexões do neo-focaultiano, Giorgio Agamben, e, ao mesmo, avançar na discussão da dicotomia entre política da vida e política hegemônica, consideraremos a expressão de Agamben em defender a politização da vida nua. Não há dúvida que a política, em sua essência, busca sinalizar condições razoáveis para a existência coletiva. O pressuposto aqui defendido é que a principal função da política é dar perspectivas às pessoas, fazendo com que as mesmas tornem-se autoconscientes em uma comunidade real. Argumentando desta forma, o filósofo italiano Giorgio Agamben, autor de *Homo Sacer* e *Estado de Exceção*, vai além ao discorrer que a política jamais pode ser pensada ou problematizada através de ações isoladas ou individualizadas, e jamais poderia estar a reboque de técnicas de governabilidade impostas pela lógica econômica que, através de um fetiche quase insuperável, aprisiona e controla a vida social.

Suas reflexões no campo da bio-política, herança de Foucault, tem-se revelado muito significativas para elevar a produção de Bauman a um patamar mais denso. O autor enfatiza que a sacralidade do ser humano tem exercido uma interferência marcadamente profícua sobre o desenvolvimento e a ordem política global das sociedades ocidentais. Mesmo sendo acusado de fazer apologia ao niilismo, sendo freqüentemente acusado de apresentar em seus escritos uma visão pessimista, inova ao problematizar conceitos de modos de vida, defendendo que o que está posto em discussão é a

---

<sup>32</sup> Ibidem, p.105.

tentativa de capturar a outra face da vida nua, ou seja, uma possível transformação da bio-política em uma nova política.

Para Agamben,

O mundo comum é constituído pela ação e pelo discurso, a falta de uma destas variáveis, o aniquila, e põe em risco o sentido dialético da política. A corrosão da ação, a deterioração da política e a conseqüente perda de respeito nas dimensões do direito da existência remetem ao esvaziamento das subjetividades humanas e à destruição do mundo comum.<sup>33</sup>

As investidas e atos autoritários do poder soberano sobre os corpos nus de indivíduos tem sido um exercício constante do discurso único do pensamento hegemônico.

Na contestação viabilizada por Giorgio Agamben (2003 a, p.19), a vida nua insurge localizada em um Estado de exceção, onde existe a plena ausência de ação política, uma categoria criada para o livre exercício do poder soberano sobre aqueles que sub-existem em um mundo onde o direito existe, mas não prescreve.<sup>34</sup>

A desqualificação política e o despreparo intelectual do cidadão em relação à inserção do império mundial não tem contribuído para o vislumbre de um mundo razoável e propositivo para boas políticas públicas. A exploração e a constante dominação dos mais fortes sobre os mais frágeis têm exposto o aumento da desigualdade social e contribuído para o aumento do estado de barbárie.

“A modernidade tem seus perigos. É isto que Agamben (2002) indica em sua análise, que já aponta a importância da refle-

---

<sup>33</sup> SOARES, A. M. C.; CARVALHO, Carmen Silvia. Revista Org. & Demo, vol. 8, n.1/2, jan/jun/jul/dez/2010, p.117.

<sup>34</sup> Ibidem, p.125-126.

xão sobre bio-poder de Michel Foucault. A crise da modernidade já estava inscrita no fundamento da vida política ocidental”.<sup>35</sup>

No atual estágio da modernidade líquida, o poder tem sido avassalador com toda a vida, seja ela humana ou não e tem de forma autoritária normatizado e disciplinado tanto os corpos individuais, como os corpos políticos de um país.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sólido triunfo da economia sobre qualquer aspecto da vida social tem sido uma das características marcantes do estágio denominado de modernidade líquida. A *política da vida* - categoria desenvolvida por Z. Bauman - tem deixado o sujeito flutuante e vulnerável diante de uma lógica mercadológica cada vez mais ameaçadora e desintegradora de coletividades do mundo social e pode ser associada à categoria de *vida nua* desenvolvida por Giorgio Agamben na medida em que esta pode ser descartada, sugada, explorada e até executada pelo novo poder imanente da atual sociedade mundial. Nos dois modelos, o sujeito está aprisionado a uma máquina de morte, seja simbólica ou real.

Tais afirmativas nos remetem à ideia de que o capitalismo parece não saber funcionar sem o aniquilamento do ser humano.

O verdadeiro jogo de poder se esconde na frágil e débil ação de políticas estatais, inculcando representações que ainda pautam grande parte do pensamento periférico mundial. O atual poder soberano encontra na complacência de instituições políticas um dócil aliado que lhe permite, por algum tempo ainda, encobrir os reais jogos de poder, os reais interesses e as evidentes relações de poder.

---

<sup>35</sup>SOUZA, L. A. F. Dilemas e Hesitações da modernidade tardia e a emergência da sociedade de controle. *Revista Mediações*, Londrina, v.15, n.2, p. 78-89, jul/dez. 2010 p.82.

Z. Bauman, J. Rancière, J. Habermas, G. Agamben e Richard Rorty, em vários de seus escritos revelaram que este poder não é natural, mas sim produto de uma sacralização que inibe o sujeito de opor-se de forma competente. “Aquilo que chamo vida nua é uma produção específica do poder e não um dado natural”.<sup>36</sup>

Para estes autores até mesmo a dominação tem limites e que a matematização da economia tem colaboração para um gradativo processo de insanidade da humanidade.

O desenvolvimento e o triunfo do capitalismo não teria sido possível, nesta perspectiva, sem o controle disciplinar efetuado pelo novo bio-poder, que criou para si, por assim dizer, através de uma série de tecnologias apropriadas, os corpos dóceis de que necessitava.<sup>37</sup>

Na categoria, tanto da política da vida (Bauman), quanto da vida nua (Agamben) o sujeito é subtraído de sua autonomia e liberdade, sendo impedido de profanar contra o endeusamento do capitalismo de mercado. Alguns autores sugerem proposições pontuais para o enfrentamento ao poder soberano, exemplificado pela restauração da *Ágora* (Castoriadis e Bauman); a irritação dos intelectuais vanguardistas na atual sociedade midiática (Habermas); o desentendimento e o dissenso (Rancière), outros defendem o nihilismo (Vattimo) e a negligência (Agamben). De qualquer forma, a filosofia política, em nosso entendimento pode ser a ‘mônada’ que ainda pode, com suas intervenções e esclarecimentos, amenizar o eclipse da atual política mundial e, a partir disso, pensar uma transformação equitativa junto à política econômica mundial. O confronto pela hegemonia ideológico-política passa necessariamente

---

<sup>36</sup> COSTA, F. Entrevista Giorgio Agamben. *Rev. Dep. Psicol.*, UFF vol.18 no. 1 Niterói Jan./June 2006, p. 02

<sup>37</sup> AGAMBEN, G. *Homo Sacer: poder soberano e vida nua*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p.78

pela análise crítica da nova arqueologia da filosofia política. Como frisou J. Habermas:

Se evitarmos esse tema delicado (...) e continuarmos com essas medidas de expedientes, tomadas no costumeiro caminho das soluções de meio-termo, daremos livre curso à dinâmica dos mercados desenfreados e assistiremos ao desmonte do próprio poder de configuração política (...)<sup>38</sup>

Este empreendimento passa pelo protagonismo de intelectuais que não podem se render à maldição da superficialidade degradante de uma sociedade midiática. A tarefa crucial da filosofia política seria a de consolidar uma nova esfera pública onde o faro vanguardista de intelectuais críticos e dialéticos fosse mais constatado em pautas relevantes e, segundo Habermas, que os mesmos possam “... irritar-se sobre desenvolvimentos críticos num momento no qual os outros ainda se detêm no business as usual”.<sup>39</sup>

Ou como destacou Rancière: “O conflito é um elemento central na política, e ele tem como lugar de fruição o mundo comum”.<sup>40</sup>

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Homo Sacer: poder soberano e vida nua*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

BAUMAN, Z. *Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

---

<sup>38</sup> HABERMAS, J. *Folha de São Paulo*. Caderno mais. São Paulo, 13 de agosto de 2006, p. 04 e 05.

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> SOARES, A. M. C.; CARVALHO, Carmen Silvia. *Revista Org. & Demo*, vol. 8, n.1/2, jan/jun/jul/dez/2010, p.117.

BAUMAN, Z. *Em busca da política*. Tradução Marcos Prenchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

COSTA, F. Entrevista Giorgio Agamben. Rev. Dep. Psicol., UFF vol.18 no.1 Niterói Jan./June 2006.

GOLDENBERG, R. *Política e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

HABERMAS, J. *Folha de São Paulo. Caderno mais*. São Paulo, 13 de agosto de 2006.

NOGUEIRA, M. A. *Em defesa da política*. ed. 2ª. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

RANCIÈRE, J. Entrevista – Revista Cult, n. 139 – nov. 2010.

\_\_\_\_\_. *O desentendimento – política e filosofia*. Tradução Angela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

RIBEIRO, R. J.. *A sociedade contra o social. O alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

SOARES, A. M. C.; CARVALHO, Carmen Silvia. *Revista Org. & Demo*, vol. 8, n.1/2, jan/jun/jul/dez/2010.

SOUZA, L. A. F. *Dilemas e Hesitações da modernidade tardia e a emergência da sociedade de controle*. Revista Mediações, Londrina, v.15, n.2, p. 78-89, jul/dez. 2010.